

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil Class.: Amaz./Queimadas
 Data 15/09/93 Pg.: 11 64

Amazônia a ferro e fogo

WASHINGTON NOVAES *

O amigo chega assustado do Tocantins: "Sai de Palmas à noite, de lá até Goiás é uma fogueira só."

É sempre assim, todo ano. Parece não haver força capaz de mudar a cultura do Centro-Oeste e Amazônia (a parte mais seca). Não há informação que convença fazendeiros e seus empregados de que não estamos mais no tempo em que uma fazenda ficava a quilômetros e quilômetros da outra, quando um pouco de fogo para queimar restos da colheita ou pastos ressequidos não chegava a ser problema. Com o adensamento demográfico e as queimadas de florestas nos grandes projetos, a estação seca no Centro-Oeste e partes da Amazônia se transforma num festival de fogo. Bruma seca e fumaça misturam-se para esconder o horizonte e avermelhar o sol. Quem terá força, condições, para mudar esse quadro?

Há exatos 10 anos, em setembro de 1983, circunstâncias de trabalho me levaram a Rondônia. Já naquele tempo, o pequeno avião Sêneca não conseguiu localizar a pista de pouso, em Ji-Paraná, tanta era a fumaça das queimadas.

Na Rodovia de Ji-Paraná tudo parecia uma só queimada. E lá, na barranca do rio São Miguel, numa choupana de palha, estava Seu Francisco, com família, mulher e cinco filhos. Acabando de fazer uma queimada para abrir espaço à plantação de mandioca que responderia pelo sustento de todos.

Seu Francisco já sabia que a terra era "fraca", uma camada superficial mas fértil, na qual as árvores estendiam na horizontal suas raízes e, embaixo, areia, só areia. Sabia que muitos fazendeiros que haviam derrubado a mata para plantar café entusiasmar-se com a colheita já no segundo ano, para vê-la diminuir no terceiro e quase desaparecer já no quarto ou quinto.

Mas que podia ele fazer, sozinho, sem apoio, sem nenhum outro recurso para sustentar a família?

Seu Francisco era o retrato econômico, político e social do Brasil destas últimas décadas. Estava na décima-quarta migração, aos cinquenta e poucos anos de idade! Ele conta um dos lados da história da ocupação do Centro-Oeste e Amazônia pelos deserdados da sorte. Do outro lado, ficam os grandes projetos, quase invariavelmente financiados com dinheiro público subsidiado — e quase invariavelmente desviados para a especulação financeira ou para a imobilização: um levantamento do próprio governo federal mostrou que dos 766 projetos — a maioria agropecuários — financiados a partir de 1966 pelo Fundo de Investimentos da Amazônia, apenas 90 foram implantados de acordo com os projetos aprovados e só três se tornaram rentáveis.

Quando não são projetos agropecuários, são como aqueles outros que o JORNAL DO BRASIL já demonstrou exaustivamente serem absurdos — como o das gusarias da área da Grande Carajás, que exportavam gusa para a Europa a US\$ 120 por tonelada, consumindo mais de uma tonelada de carvão vegetal (floresta queimada) por tonelada de gusa, e fazendo de conta que não sabiam que só a tonelada de carvão vegetal valia nos portos europeus uns US\$ 300. Como não podiam exportar carvão vegetal (recebiam subsídio para exportar gusa), nem precisavam pagar quase nada pela floresta e pelo carvão, vendiam pelos US\$ 120 — mostrando com clareza os caminhos pelos quais o Primeiro Mundo fica mais rico e mais limpo (livrando-se de gusarias) e nós ficamos mais pobres, mais sujos e mais devastados.

É nessas coisas que é preciso pensar quando começa a grita pelo "desenvolvimento da Amazônia" já, a qualquer preço. Que desenvolvimento? O desenvolvimento que produz aos milhões migrantes como Seu Francisco? O desenvolvimento das gusarias? O dos projetos agrope-

cuários fajutos, à custa dos cofres públicos? O desenvolvimento que nos endivida em bilhões de dólares para construir megasinas hidrelétricas que fornecem energia elétrica a preço abaixo do custo a exportadoras de alumínio (indústrias que o Primeiro Mundo não quer em seu território exatamente por causa do intensíssimo consumo de energia elétrica)?

Até aqui, os estudos do Banco Mundial vêm dizendo que desenvolvimento sustentado na Amazônia só mesmo com extrativismo. É possível que haja outros formatos, que haja lugares onde se possa de fato aliar a exploração econômica à preservação ambiental. Mas para saber isso o primeiro passo é construir, na escala adequada, o macrozoneamento ecológico e econômico da Amazônia, que se arrasta há muito, por falta de recursos — basta perguntar ao almirante Mário Flores, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, e ele com certeza informará que este ano teve menos de 5% dos recursos que pedia para esse projeto.

Não dá para resolver os problemas da Amazônia fazendo de conta que é uma região igual a qualquer outra. Colonizável como todas as outras. Não é. A começar porque, como diz o poeta Thiago de Mello, lá é a pátria da água, tudo é água, mais água que qualquer outra coisa. Depois, porque se trata de uma região peculiar, frágil, atípica. E principalmente porque ali está a maior parte da biodiversidade desse nosso planeta já tão devastado e aflito.

Ir devagar com o andor não nos faria mal. E dá certo desalento verificar, na relação publicada pelos jornais, que ali não figura o ministro do Meio Ambiente entre os que foram chamados a decidir o futuro da Amazônia na reunião do Conselho de Defesa Nacional. Assim é demais.